

OPINIÕES DOS ALUNOS DE ODONTOLOGIA SOBRE O ATENDIMENTO A PACIENTES COM NECESSIDADES ESPECIAIS

MARIANA MACIEL BATISTA BORGES¹, ANA RITA RODRIGUES GODOY²,
LORRAINE VILELA SOUZA³, MARIANA ARAÚJO SANTIAGO⁴,
ALESSANDRA MAIA DE CASTRO PRADO⁵, FABIANA SODRÉ DE OLIVEIRA⁶

Resumo

Objetivo: Avaliar as opiniões dos alunos de Odontologia sobre o atendimento a pacientes com necessidades especiais. **Método:** Participaram do estudo alunos matriculados no último semestre do Curso de Odontologia. Os dados foram coletados por meio de dois questionários, contendo questões abertas relacionadas às situações inclusivas no contexto social e profissional, aplicados antes e após o atendimento de pacientes com necessidades especiais. Todas as respostas foram categorizadas com distinção entre foco na pessoa e/ou nas ações inclusivas em: polarização positiva (aprovação, disposição para contato pessoal ou profissional e para se adaptar/aprender), negativa (pena, preocupação, apreensão, receio e medo/oposição à inclusão) ou sem polarização (situação normal/implantação de ações inclusivas). **Resultados:** 23 alunos, 14 do sexo feminino e 9 do masculino, com idade média de 22 anos e 8 meses responderam os dois questionários. Os resultados dos dois questionários mostraram, respectivamente, um maior número de respostas com foco na pessoa (n = 268 e n = 272) do que nas ações inclusivas (n = 29 e n = 27). Com relação à polarização, no primeiro questionário as respostas foram categorizadas sem polarização (n = 109), polarização positiva (n = 105) e negativa (n = 54). No segundo, os resultados mostraram um aumento do número de respostas sem polarização (n = 133) e uma redução do número de respostas com polarização negativa (n = 36). O número de respostas com polarização positiva foi semelhante (n = 103). Considerando apenas as questões relacionadas ao contexto profissional, os resultados do primeiro e do segundo questionários apresentaram, respectivamente, respostas

¹Graduada em Odontologia – Faculdade de Odontologia - Universidade Federal de Uberlândia – Av. Pará, 1720, Bloco 2G Sala 02, Campus Umuarama – Uberlândia - MG – CEP: 38405-320 – mmborges@hotmail.com

²Graduada em Odontologia – Faculdade de Odontologia - Universidade Federal de Uberlândia – Av. Pará, 1720, Bloco 2G Sala 02, Campus Umuarama – Uberlândia - MG – CEP: 38405-320 – anaritagodoy@hotmail.com

³Graduada em Odontologia – Faculdade de Odontologia - Universidade Federal de Uberlândia – Av. Pará, 1720, Bloco 2G Sala 02, Campus Umuarama - Uberlândia – MG – CEP: 38405-320 – lorraine_vs@hotmail.com

⁴Graduada em Odontologia – Faculdade de Odontologia - Universidade Federal de Uberlândia – Av. Pará, 1720, Bloco 2G Sala 02, Campus Umuarama – Uberlândia - MG – CEP: 38405-320 – apks_maryyy@hotmail.com

⁵Professora Doutora – Área de Odontologia Pediátrica – Faculdade de Odontologia - Universidade Federal de Uberlândia – Av. Pará, 1720, Bloco 2G Sala 02, Campus Umuarama - Uberlândia – MG - CEP: 38405-320 – alessandramaiacp@gmail.com

⁶Professora Doutora – Área de Odontologia Pediátrica – Faculdade de Odontologia - Universidade Federal de Uberlândia – Av. Pará, 1720, Bloco 2G Sala 02, Campus Umuarama - Uberlândia – MG - CEP: 38405-320 – fasodreoli@gmail.com

com polarização positiva (n = 36 e n = 38), sem polarização (n = 25 e n = 37) e negativa (n = 19 e n = 10). A maioria dos alunos (87,0%) relatou que pretendia atender pacientes com necessidades especiais após formarem. Conclusão: Foi possível concluir que os alunos estão predispostos ao atendimento a pacientes com necessidades especiais.

Descritores: acadêmicos de Odontologia, ensino, pacientes com necessidades especiais, inclusão social.

Abstract:

Objective: To evaluate students' opinions about dental care for patients with special needs.

Method: Participants were students enrolled in the final semester of the School of Dentistry.

Data were collected through two questionnaires, with objective questions related to inclusive situations in social and professional context, applied before and after dental appointment for patients with special needs. All answers were categorized with distinction between focusing on the person and/or inclusive actions in: as positive tendency, (approval, available for personal or professional contacts and to adapt/learn), negative (shame, worry, apprehension, fear and fear/opposition to the inclusion), or neutral (normal/implementation of inclusive actions). Results: 23 students, 14 female and 9 male, mean age 22 years and 8 months answered the two questionnaires. The results of the two questionnaires showed, respectively, a more focused responses in person (n = 268 and n = 272) than in the inclusive actions (n = 29 n = 27). With respect to the polarization in the first questionnaire responses were categorized without polarization (n = 109), positive polarization (n = 105) and negative (n = 54). In the second, the results showed an increase in polarization responses without polarization (n = 133) and a reduction in the number of responses with negative polarization (n = 36). The number of answers with positive polarization was similar (n = 103). Considering only the issues related to the professional context, the results of the first and second questionnaires showed, respectively, with positive polarization responses (n = 36 and n = 38), without polarization (n = 25 and n = 37) and negative (n = 19 n = 10). Most students (87.0%) reported that would intend to treat patients with special needs after graduation. Conclusion: It was concluded that dental students are predisposed to care for patients with special need.

Descriptors: dental students, teaching, special needs patients, social inclusion.

Introdução

No Brasil, de acordo com o último Censo Demográfico realizado em 2010, existem 45,6 milhões de pessoas com pelo menos uma das deficiências investigadas (visual, auditiva, motora, mental ou intelectual), o que corresponde a 23,9% da população brasileira (1).

É reconhecida a importância da inclusão destas pessoas que necessitam de cuidados especiais na educação e na saúde (2). De acordo com o Ministério da Saúde, a inclusão social da pessoa com deficiência é a meta mais abrangente que se quer alcançar (3). A fase de inclusão surgiu na década de 1980 com a concepção de que a família e a sociedade devem adaptar-se às necessidades de todas as pessoas, sejam elas deficientes ou não e está em plena discussão nos dias atuais (4).

A inclusão social referente ao atendimento aos pacientes com necessidades especiais nos serviços da área de saúde estabelece-se como fator essencial de qualidade dos serviços prestados. Com relação ao atendimento odontológico, resultados de um estudo mostraram que existe uma carência na oferta e que as estratégias utilizadas não se diferenciam muito em relação àquelas que são oferecidas à população não portadora de deficiência. Sendo assim, o cirurgião-dentista necessita estar preparado para prover atendimento odontológico e a faculdade de Odontologia pode ser a melhor opção para se iniciar essa capacitação (5).

Foi realizado um estudo com o objetivo de analisar as disciplinas de pacientes com necessidades especiais nas faculdades de Odontologia no Brasil por meio de um questionário enviado a 175 faculdades. Destes, 55 retornaram, dos quais 31 afirmaram ter o conteúdo em seus programas de graduação, sendo que em 22 e 9 apresentavam a modalidade obrigatória e optativa, respectivamente. De acordo com o estudo, há necessidade de uma maior atenção das faculdades com a questão dos ensinamentos sobre pacientes com necessidades especiais, uma vez que a literatura afirma haver maior disposição e segurança do cirurgião-dentista em atender esta população quando já tiver vivenciado esta realidade na graduação (6).

Os alunos, em geral, estão predispostos a ações inclusivas, e podem aproveitar-se das informações disponíveis nas áreas das ciências humanas, notadamente a psicologia. Assim, a capacitação de estudantes de Odontologia pode receber importante contribuição dessa área de conhecimento, especialmente no que refere ao atendimento de pacientes com necessidades especiais (7).

Partindo-se da ideia de que cirurgiões-dentistas não estão preparados para atender pessoas com necessidades especiais, as quais enfrentam severas dificuldades para encontrar serviços odontológicos apropriados, conhecer os sentimentos, as percepções e as

manifestações dos futuros profissionais e dos familiares destes pacientes em relação ao atendimento odontológico, provavelmente auxiliará aqueles que tomam decisões concernentes ao ensino, a fundamentar as reformas curriculares possíveis com o objetivo de beneficiar a qualificação profissional, a saúde pública e as pessoas envolvidas (8).

Sendo assim, este estudo foi realizado com os objetivos de avaliar as opiniões dos alunos de Odontologia sobre o atendimento de pacientes com necessidades especiais, verificar possíveis mudanças na opinião dos mesmos após o atendimento a estes pacientes e avaliar a importância desta disciplina do ponto de vista do aluno na grade curricular.

Metodologia

Inicialmente, o protocolo de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia e aprovado (Registro CEP/UFU 194/09).

A população de estudo foi composta por alunos do último período do Curso de graduação em Odontologia da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Uberlândia.

Foi obtido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos participantes e em seguida, solicitou-se que os alunos respondessem dois questionários: o primeiro antes da primeira aula teórica de Odontologia para pacientes com necessidades especiais e o segundo ao final do semestre.

Os dois questionários foram divididos em duas partes. No primeiro, a parte A continha questões para obtenção de informações sobre sexo, idade, o parentesco e/ou proximidade com pessoas com necessidades especiais, se já havia atendido algum paciente com necessidades especiais, se considerava importante que o curso oferecesse a disciplina de pacientes com necessidades especiais e se pretendia após formar atender estes pacientes em seu consultório. A parte B continha um conjunto de questões descrevendo brevemente situações no contexto social e profissional em que pessoas com diferentes tipos de deficiência eram apresentadas em condições de inclusão social e solicitava-se que o aluno escrevesse sobre os sentimentos e idéias a respeito destas situações. Foram apresentadas oito questões diferentes, sendo que seis questões subdividiam em mais duas questões. Os alunos foram instruídos sobre o preenchimento do questionário, o qual não se tratava de uma avaliação de conhecimentos acadêmicos e que não havia respostas certas ou erradas, mas, sim, respostas que refletissem formas de pensar e agir, socialmente transmitidas, em relação ao tema. O questionário foi extraído do estudo de Moraes et al., 2006 (8).

O segundo questionário foi obtido após a aula teórica sobre o tema, as apresentações dos seminários e o atendimento clínico dos pacientes com necessidades especiais. Neste, constava além de duas questões da parte A do primeiro questionário (se considerava importante que o curso oferecesse a disciplina de pacientes com necessidades especiais e se pretendia após formar atender estes pacientes em seu consultório), foi perguntado ao aluno se ele tinha alguma sugestão com relação à disciplina e os pontos positivos e negativos. A parte B continha as mesmas questões do primeiro questionário.

Os dados foram analisados e agrupados de acordo com um conjunto de categorias para análise das respostas dos alunos, seguindo os critérios descritos no estudo de Moraes et al., 2006 (8) (Quadro 1). Todas as respostas foram categorizadas em: polarização positiva (exemplo: aprovação); negativa (exemplo: pena) ou sem polarização, fazendo-se distinção entre o foco na pessoa com necessidade especial e nas ações inclusivas. As respostas de cada questão poderiam ser classificadas em mais de uma categoria e aquelas que não apresentaram uma clara polarização foram classificadas no grupo sem polarização definida. As respostas foram avaliadas por duas pesquisadoras de forma independente e comparadas entre si.

Resultados

Do total de 40 alunos do último período do curso de Odontologia, 32 responderam o primeiro questionário e 23 responderam o primeiro e o segundo questionários. Os dados foram tabulados considerando apenas os alunos que responderam os dois questionários.

A Tabela 1 apresenta as respostas obtidas na parte A do primeiro questionário em frequência absoluta e porcentual referentes aos dados sociodemográficos, parentesco, experiência, a importância da disciplina e se pretendia prestar atendimento aos pacientes com necessidades especiais. Do total, todos os alunos consideraram importante que o curso ofereça a disciplina e a maioria (87,0%) dos alunos responderam que pretendiam atender pacientes com necessidades especiais após formarem.

A Tabela 2 apresenta o total de respostas e as frequências absolutas e percentuais das categorias relativas aos dois grupos identificados: foco na pessoa com deficiência e foco nas ações de promoção da inclusão de todas as questões do primeiro questionário. O total de categorizações foi de 297, sendo 268 (80,72%) para o foco na pessoa com deficiência e 29 (8,73%) para o foco nas ações de promoção da inclusão. Do total, 14

(4,22%) questões foram classificadas sem polarização definida e 21 (6,33%) não foram respondidas. Considerando o total de questões e o número de alunos, foram obtidas no total 332 respostas, porque dez questões foram classificadas em duas categorias.

A Tabela 3 apresenta as respostas obtidas no segundo questionário parte A em frequência absoluta e porcentual. Do total, 17 (73,9%) dos alunos apresentaram sugestões para aumentar o número de clínicas para o atendimento de pacientes com necessidades especiais. Todos responderam que a disciplina apresentou pontos positivos, sendo que 12 (52,17%) justificaram a sua resposta como sendo importante o contato durante a graduação com estes pacientes, 10 (43,48%) pelo aprendizado do atendimento a estes pacientes e 1 (4,38%) por ser uma experiência diferente. Dois alunos, além de justificarem o aprendizado citaram a importância de valorizar a própria vida. Do total, 15 (65,2%) alunos responderam que a disciplina apresentava pontos negativos, sendo que 13 (56,5%) justificaram a resposta pelo pequeno número de clínicas e dois (8,7%) porque julgaram difícil o atendimento dos pacientes. De acordo com oito (34,8%) alunos, a disciplina

não apresentou pontos negativos.

A Tabela 4 apresenta o total de respostas e as frequências absolutas e percentuais das categorias relativas aos dois grupos identificados: foco na pessoa com deficiência e foco nas ações de promoção da inclusão do segundo questionário. O total de categorizações foi de 299, sendo 272 (82,42%) para o foco na pessoa com deficiência e 27 (8,18%) para o foco nas ações de promoção da inclusão. Do total, 14 (4,24%) questões foram classificadas sem polarização definida e 17 (5,15%) não foram respondidas. Considerando o total de questões e o número de alunos, foram obtidas no total 330 respostas, porque 8 questões foram classificadas em duas categorias.

A Tabela 5 apresenta o total de respostas e as frequências absolutas das categorias relativas aos dois grupos identificados: foco na pessoa com deficiência e foco nas ações de promoção da inclusão dos dois questionários considerando apenas duas questões relativas ao contexto profissional e as justificativas. No primeiro questionário, do total de 92 respostas, 36 (39,13%), 25 (27,17%) e 19 (20,65%) apresentaram, respectivamente, polarização positiva, sem polarização e polarização negativa. Não foram respondidas nove (9,78%) questões e três (3,26%) foram categorizadas como sem polarização definida. No segundo questionário, do total de 92 respostas, 38 (41,30%), 37 (40,22%) e dez (10,87%) apresentaram, respectivamente, polarização positiva, sem polarização e polarização negativa. Não foram respondidas cinco (5,43%) questões e duas (2,17%) foram categorizadas como sem polarização definida.

Discussão

No âmbito da Odontologia, considera-se que a inclusão do paciente com necessidades especiais seja um processo que passa não somente pelos meios de desenvolver e adaptar tecnologias que venha lhe favorecer, mas pela superação de preconceitos e estigmas que afastam a sociedade como um todo de reconhecer neste indivíduo um ser humano e sua integralidade (7). O cirurgião-dentista necessita estar preparado para prover atendimento a estes pacientes e a faculdade de Odontologia pode ser a melhor opção para se iniciar esta capacitação (5).

Neste estudo, os alunos consideraram importante que o curso de Odontologia oferecesse a disciplina de pacientes com necessidades especiais (Tabelas 1 e 2). Quando questionados se após formarem atenderiam estes pacientes no consultório, 87,0% responderam que sim (Tabela 1). Após o atendimento dos pacientes com necessidades especiais, não houve alteração deste dado (Tabela 3). Estes resultados foram semelhantes aos obtidos em outro estudo (9) em que 69,0% e 21,0% responderam que atenderiam e tentariam atender estes pacientes em seu consultório particular, respectivamente.

Os resultados mostraram um predomínio de respostas com foco na pessoa do que em ações para promoção da inclusão nos dois períodos avaliados (Tabelas 2 e 4). Estes dados concordam com os resultados obtidos no primeiro questionário do estudo de Moraes et al. (8). De acordo com estes autores, este fato justifica-se pelos tipos de questões realizadas em que descreviam situações específicas. Mas, diferentemente do estudo de Moraes et al. (8) no qual após o módulo de pacientes especiais houve um aumento nas respostas com foco nas ações inclusivas, neste estudo o resultado permaneceu praticamente inalterado (Tabelas 2 e 4).

No primeiro questionário, com relação ao tipo de polarização, o total de categorizações para o foco na pessoa com deficiência mostrou um número maior de respostas sem polarização e com polarização positiva, do que polarização negativa (Tabela 2). Considerando as respostas com polarização positiva, um número semelhante de alunos mostrou disposição para contato pessoal ou profissional, aprovação e alegria na situação descrita e um número um pouco maior de respostas qualificando a situação como natural ou normal. Também foi observado que um número menor de alunos classificou a situação com polarização negativa, respectivamente 17 (5,12%) e 33 (9,94%), com sentimentos de pena e preocupação com a deficiência, e que evitariam o contato pessoal ou profissional na situação descrita (Tabela 2).

Comparando estes resultados com o segundo questionário (Tabela 4), houve uma pequena redução de respostas com polarização positiva e um aumento de respostas sem polarização. Também pode ser observada uma redução de respostas com polarização negativa, sendo que a categorização em que apresentou menor redução foi com relação ao fato de que os alunos evitariam o contato pessoal ou profissional na situação descrita.

Os resultados obtidos neste estudo concordam com os obtidos em outro estudo (8) quanto à redução das respostas com polarização negativa que expressavam pena e receio de interagir com as pessoas com necessidades especiais citadas nas diferentes situações.

Com relação ao tipo de polarização, observa-se que o total de categorizações para o foco nas ações para a promoção da inclusão mostrou um número maior de respostas com polarização positiva do que sem polarização. Nenhuma resposta foi classificada como polarização negativa, o que significa que todos os alunos não se opõem à inclusão (Tabela 2). Considerando as respostas com polarização positiva, um número maior de alunos mostrou aprovação e apoio aos responsáveis por ações de inclusão. Comparando os resultados dos dois questionários, foi observada uma redução para a polarização positiva e o dobro de respostas classificadas como sem polarização, nas quais o aluno apresentou questões sobre a implementação de ações de inclusão. No segundo questionário também nenhuma resposta foi classificada como polarização negativa (Tabela 4).

Considerando apenas as respostas dadas em questões relacionadas ao contexto profissional, pode-se observar um maior número de respostas com polarização positiva e sem polarização do que polarização negativa (Tabela 5). Comparando as respostas do primeiro e do segundo questionário houve um pequeno aumento de respostas com polarização positiva e um aumento maior de respostas sem polarização, o que demonstra que os alunos principalmente após o atendimento passaram a considerar a situação como natural ou normal. Além disso, houve uma redução de respostas com polarização negativa.

Neste estudo foi observada uma predisposição dos alunos para o atendimento a pacientes com necessidades especiais. Resultados de outro estudo (10) no qual foram avaliadas as atitudes de estudantes de Odontologia e de Ciências Sociais relativas a pessoas com necessidades especiais mostraram que os estudantes de Odontologia apresentaram-se com menos facilidade para aprender sobre essas pessoas do que os estudantes de Ciências Sociais.

Resultados de um estudo sobre a experiência de 13 anos do programa de assistência odontológica ao paciente especial com envolvimento de alunos de graduação em Odontologia permitiram concluir que além de programas desta natureza poder melhorar a

qualidade de vida dos pacientes envolvidos e de seus familiares, minimizando os problemas por eles enfrentados, contribuem para que as universidades e a Secretaria de Saúde cumpram com sua função social, dando atenção e formando profissionais envolvidos com o exercício da cidadania em prol dos menos favorecidos, em concordância com os princípios da Constituição da dignidade da pessoa humana, do direito da saúde e da igualdade (11).

Conclusão

De acordo com os resultados obtidos neste estudo foi possível concluir que:

- A opinião dos alunos de Odontologia sobre os pacientes com necessidades especiais é positiva, ou seja, os alunos estão dispostos a atendê-los;
- A intenção dos alunos de atender pacientes com necessidades especiais após formarem permaneceu após o contato com os pacientes com necessidades especiais.
- O aluno considera importante a disciplina de pacientes com necessidades especiais na grade curricular.

Referências

- 1 Brasil. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. Características da população e dos domicílios. Resultado do universo. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf. Acesso em agosto 2012.
- 2 Fonseca ALA, Azzalis LA, Fonseca LFA, Botazzo C. Análise quantitativa das percepções de cirurgiões-dentistas envolvidos nos atendimentos de pacientes com necessidades especiais de serviços públicos municipais. *Rev Bras Crescimento Desenvolvimento Hum* 2010; 20(2):208-16.
- 3 Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. A pessoa com deficiência e o Sistema Único de Saúde.
- 4 Chaveiro N, Barbosa MA. Assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social. *Rev Esc Enfer USP* 2005; 39(4):417-22.
- 5 Figueiredo JR. Estratégias para a provisão de cuidados no atendimento odontológico a pacientes portadores de deficiência. [Dissertação]. São Paulo: Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo, 2002.
- 6 Fassina AP. Análise das disciplinas de pacientes portadores de necessidades especiais nas faculdades de Odontologia no Brasil em 2005. [Dissertação]. São Paulo: Faculdade de Odontologia, Universidade de São Paulo; 2006.

- 7 Costa MHP, Costa MABT, Pereira MF. Perfil clínico de pacientes com paralisia cerebral assistidos em um centro de odontologia do Distrito Federal. *Com Ciências Saúde* 2007; 18(2):129-139.
- 8 Moraes ABA, Batista CG, Lombardo I, Horino LE, Rolim GS. Verbalizações de alunos de graduação sobre a inclusão social de pessoas com deficiência. *Psicol Est* 2006;11(3):607-15.
- 9 Amaral COF, Aquote APC, Aquote LC, Parizi AGS, Oliveira A. Avaliação das expectativas e sentimentos dos alunos de odontologia frente ao atendimento de pacientes com necessidades especiais. *RFO UPF* 2011;16(2):124-9.
- 10 Coyle C, Saunderson W, Freeman R. Dental students, social policy students and learning disabilities. Do differing attitudes exist? *European J Dent Educ* 2004;8(3):133-9.
- 11 Marta SN. Programa de assistência odontológica ao paciente especial: uma experiência de 13 anos. *Rev Gaucha Odontol* 2011; 59(3):379-85.

Quadro 1 – Pensamentos, sentimentos e tendências de ação, diante de questões exemplificando inclusão de pessoas com deficiência (8).

Polarização	Foco na pessoa com deficiência	Foco nas ações para a promoção da inclusão
Polarização positiva	<p>AP – Aprovação, alegria pela situação de inclusão apresentada na questão; pela disposição da própria pessoa em buscar inclusão.</p> <p>DC – disposição para contato pessoal ou profissional na situação descrita; confiança na competência da pessoa com deficiência; disposição para aprender a usar instrumentos para contato (ex. aprender língua de sinais).</p> <p>Crítério para considerar “contato pessoal”: pode envolver situações caracterizáveis como contato breve, ajuda, amizade ou “paquera”.</p> <p>DP – disposição para se adaptar/aprender se passar por situação semelhante (ex. ter um filho com deficiência).</p>	<p>AI – aprovação, apoio aos responsáveis por ações de inclusão (família, sociedade), sejam específicas (ex. pais promoverem algo para seu filho) ou gerais (ex. implementar políticas inclusivas).</p> <p>CN – crítica a não abrangência das ações de inclusão, crítica à inexistência ou pequeno alcance dessas ações.</p>
Polarização negativa	<p>PN – pena, dó, preocupação pela deficiência e possíveis problemas presentes e futuros /ou preocupação, pena em relação aos problemas enfrentados pelos responsáveis pela pessoa com deficiência (ex: familiares).</p> <p>EV – evitação (dúvida, apreensão, inibição, evitação) de contato pessoal ou profissional na situação</p>	<p>OI – oposição à inclusão: explicitação de posições contra a inclusão; explicitação de posições a favor da segregação.</p>

	<p>descrita; desconfiança quanto à competência da pessoa com deficiência. Receio das reações adversas da pessoa com deficiência.</p> <p>RC – receio/medo de passar por situação semelhante à observada (ex. ter um filho com deficiência).</p>	
<p>Sem polarização</p>	<p>N – qualificação da situação como natural ou normal.</p> <p>S – surpresa pela situação observada.</p> <p>C – curiosidade, pergunta, dúvidas sobre a situação e sobre o quadro, suas causas e consequências, observação da situação.</p>	<p>IN – questões sobre implementação de ações de inclusão: questões/afirmações sobre direitos e formas de acesso e contato (ex: formas alternativas de comunicação, leitura do cego, etc.). sem crítica ou aprovação explícita.</p>

Tabela 1 – Respostas da parte A do primeiro questionário em frequência absoluta e percentual (%).

Questões	Frequência absoluta e percentual (%)
Sexo - Feminino - Masculino	12 (52,2) 11 (47,8)
Idade média (anos e meses)	22 anos e 8 meses
Parentesco e/ou proximidade com pessoas com necessidades especiais? - Sim - Não	5 (21,7) 18 (78,3)
Experiência prévia de atendimento a pacientes com necessidades especiais? - Sim - Não	12 (52,2) 11 (47,8)
Considera importante que o curso de Odontologia ofereça a disciplina de pacientes especiais? - Sim - Não	23 (100,0) -
Após formar pretende atender pacientes com necessidades especiais? - Sim - Não	20 (87,0) 3 (13,0)

Tabela 2 – Categorizações de acordo com a polarização com distinção entre o foco na pessoa com necessidade especial e nas ações inclusivas antes do atendimento dos pacientes com necessidades especiais em frequência absoluta e porcentual (%).

Polarização	Foco na pessoa com deficiência		Foco nas ações para a promoção da inclusão	
Polarização positiva	AP	49 (14,76)	AI	15 (4,52)
	DC	54 (16,27)	C	12 (3,61)
	DP	2 (0,60)	N	0 (0,0)
Polarização negativa	PN	17 (5,12)	OI	0 (0,0)
	EV	33 (9,94)		
	RC	4 (1,20)		
Sem polarização	N	66 (19,88)	IN	2 (0,60)
	S	11 (3,31)		
	C	32 (9,64)		
Total		268 (80,72)		29 (8,73)

Tabela 3 – Respostas da parte A do segundo questionário em frequência absoluta e porcentual (%).

Questões	Sim	Não
Considera importante que o curso de Odontologia ofereça a disciplina de pacientes especiais?	23 (100,0)	0 (0,0)
Após formar pretende atender pacientes com necessidades especiais?	20 (87,0)	3 (13,0)
Alguma sugestão com relação à disciplina de pacientes especiais?	17 (73,9)	6 (26,1)
Pontos positivos	23 (100,0)	0 (0,0)
Pontos negativos	15 (65,2)	8 (34,8)

Tabela 4 – Categorizações de acordo com a polarização com distinção entre o foco na pessoa com necessidade especial e nas ações inclusivas após o atendimento dos pacientes com necessidades especiais em frequência absoluta e porcentual (%).

Polarização	Foco na pessoa com deficiência		Foco nas ações para a promoção da inclusão	
	Polarização positiva	AP	52 (15,76)	AI
DC		51 (15,45)	CN	8 (2,42)
DP		0 (0,0)		
Polarização negativa	PN	10 (3,03)	OI	0 (0,0)
	EV	24 (7,27)		
	RC	2 (0,61)		
Sem polarização	N	86 (26,06)	IN	4 (1,21)
	S	8 (2,42)		
	C	39 (11,82)		
Total		272 (82,42)		27 (8,18)

Tabela 5 – Categorizações de acordo com a polarização antes e após o atendimento dos pacientes com necessidades especiais considerando apenas questões relacionadas ao contexto profissional em frequência absoluta e porcentual (%).

Questões	Polarização					
	Positiva		Negativa		Sem polarização	
	1º	2º	1º	2º	1º	2º
Você é informado que o seu próximo cliente é uma criança com Síndrome de Down. Como você imagina a sua reação?	8 (8,70)	10 (10,87)	9 (9,78)	5 (5,43)	6 (6,52)	8 (8,70)
Justificativa	10 (10,87)	12 (13,04)	7 (7,61)	2 (2,17)	2 (2,17)	7 (7,61)
Você é informado que o seu próximo cliente é uma jovem cega. Como você imagina a sua reação?	7 (7,61)	6 (6,52)	1 (1,09)	2 (2,17)	14 (15,22)	14 (15,22)
Justificativa	11 (11,96)	10 (10,87)	02 (2,17)	01 (1,09)	03 (3,26)	08 (8,70)
Total	36 (39,13)	38 (41,30)	19 (20,65)	10 (10,87)	25 (27,17)	37 (40,22)